Governo dos Açores
PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
Secretário Regional da Presidência
Direcção Regional das Comunidades

COMUNIDADES AÇORIANAS NO MUNDO

Da incerteza do passado ao sucesso do presente

No âmbito da celebração do Dia dos Açores, a diretora regional das Comunidades, Graça Castanho, proferiu uma palestra na Casa dos Açores em Lisboa sobre as dificuldades e os sucessos que caracterizaram a emigração açoriana, que se efetivou, de forma sistemática, desde o séc. XVIII. Durante a sua intervenção, intitulada "Comunidades Açorianas no Mundo: da incerteza do passado ao sucesso do presente", foram realçados os sucessivos fluxos migratórios dos Açores para o exterior, bem como os problemas inerentes à partida. Entre suor e lágrimas e tantos outros constrangimentos, os emigrantes açorianos são, hoje em dia, um símbolo de força, união e sucesso, exemplo a ser seguido por todas as gerações.

GRAÇA CASTANHO
Diretora Regional das Comunidades
Governo dos Açores
www.azores.gov.pt / drc@azores.gov.pt

Na Casa dos Açores em Lisboa, Graça Castanho, após ter traçado os principais aspetos da história migratória dos Açores, destacou as dificuldades vivenciadas pelos nossos emigrantes, aquando da partida.

Os Açores sempre estiveram conotados com diversos fluxos migratórios. Desde o seu povoamento, foram porto de chegada de gente oriunda de vários destinos de Portugal continental e de outras latitudes, a saber do Algarve, Alentejo, Beira-Alta, Entre-o-Douro, da região autónoma da Madeira, não esquecendo, porém, a vinda de outros cidadãos europeus, como, por exemplo, os genoveses, flamengos, florentinos, franceses, ingleses e judeus.

Maria Olímpia da Rocha Gil refere em O Arquipélago dos Açores no século XVII. Aspectos sócio-económicos (1575-1675) que "às ilhas se chegava, das ilhas se partia... Por processos diversos e em circunstâncias que variam necessariamente, os habitantes das ilhas procuravam rasgar o cerco do mar, encontrar novos horizontes ou refugiar-se em formas utópicas – a evasão." A procura de melhores condições de vida e/ou por imposição da Coroa portuguesa, milhares de açorianos partiram em direção ao Brasil, atual Uruguai, EUA, Bermuda, Havai e Canadá, formando expressivas comunidades de açorianos. Integrada em diversos percursos migratórios, a população açoriana atravessou o atlântico, muitas vezes, nas piores circunstâncias, enfrentando intempéries, doenças e a própria morte.

As primeiras saídas deram-se, segundo o cronista e historiador micaelense, Gaspar Frutuoso, para o Brasil. No 3º quartel do séc. XVI, partiram algumas famílias que viviam na maior miséria. O cronista refere que, no ano de 1579, partiram da ilha de S. Miguel "moradores ... tão atribulados e pobres que não se podiam manter nela". Em 1677, saíram 50 famílias a caminho do Pará. No séc. XVIII (1747), 6 000 pessoas rumaram ao sul do Brasil, mais especificamente para Santa Catarina, com o intuito de povoar terras sulinas. Em 1752, muitas destas famílias chegaram ao território hoje conhecido como Rio Grande do Sul, cuja pertença ao Brasil se deve à presença das famílias açorianas.

Graça Castanho com Miguel Loureiro, Presidente da Casa dos Açores

As viagens para o Brasil levavam mais de um mês, a fome, a doença e a morte caracterizavam esses percursos e os anos após a chegada. Fruto de todas estas movimentações, já na década de 1670, é possível observar o sucesso de alguns dos açorianos por terras do Maranhão, como é o caso dos irmãos Pereira de Lemos, naturais da ilha de São Jorge, que mantinham atividades comerciais com a ilha Terceira, com a transação do açúcar. Muitas outras famílias acumularam fortunas.

Hoje, o Brasil é um dos países em expansão económica que conta com uma história riquíssima de conquistas açorianas, visivelmente demonstradas pelo interesse das gerações açordescendentes em manterem a herança, a identidade e o património cultural açoriano deixado pelos seus antepassados.

Todos os outros destinos, como os EUA, Bermuda, Ilhas Sandwich (Havai, presentemente), Canadá, etc. também se caracterizaram por grandes dificuldades na partida, na chegada e na integração.

Os primeiros chegaram aos EUA, Califórnia, em barcos baleeiros. Eram homens agricultores que do mar pouco conheciam. Habituados a manusear as ferramentas com que lavravam e cultivavam o campo tiveram de aprender as duras leis do mar e da baleação, enfrentando este novo desafio que, muitas das vezes, pela falta de habilidade e inexperiência enfrentavam a morte, deixando para trás mulher e filhos sem sustento. Com o passar do tempo, a experiência e a formação nesta atividade foi-se aprumando e dando frutos, tanto que hoje milhares de açorianos, radicados nos EUA, se tornaram empresários e profissionais de sucesso em todas as áreas, nomeadamente no comércio, indústria, pesca, pecuária, agricultura, entre outras.

A Bermuda, destino de emigrantes açorianos desde o séc. XIX, é presentemente espaço de acolhimento para cidadãos do sexo masculino, oriundos da ilha de São Miguel, detentores de um contrato de trabalho. Ali sempre desenvolveram atividades, como a jardinagem, construção civil e restauração, no entanto, sem direito à obtenção de cidadania, bens próprios como casa, carro, entre outros. Não obstante estas limitações, o certo é que os açorianos regressam aos Açores, trazendo da Bermuda a poupança acumulada e investindo em áreas de negócio do seu interesse pessoal.

Para o Havai, entre 1878 e 1914, saíram muitos açorianos para trabalhar nos campos de cana-de-açúcar, debaixo de trabalho escravo e mal pago.

O Canadá, apesar de ter sido o último destino de emigração significativa, também não se revelou nada fácil no princípio. Durante os anos 50, fruto de um acordo entre os governos do Canadá e Portugal, o Canadá abriu a fronteira às famílias portuguesas, emigrando, na sua maioria, açorianos. Chegaram a vários destinos como Toronto, Montreal, Winnipeg e Vancouver, para trabalhar nas fábricas, na construção civil e nos caminhos-de-ferro, enfrentando o desconhecimento da língua e as adversidades climáticas. Hoje, o Canadá é constituído por uma grande comunidade açoriana, muito conhecida pelo seu trabalho e pela sua grande capacidade empreendedora em diversos ramos de atividade.

Ao analisarmos esta magnífica história que foi a emigração a partir dos Açores, as suas dificuldades e sucessos, podemos afirmar que o resultado de todo este esforço foi, porém, muito positivo. As nossas comunidades, em qualquer país onde se encontram, são uma referência, um modelo de trabalho, de união familiar, de seriedade e de empreendedorismo. São, sem dúvida, o orgulho das nossas ilhas, as quais devem a projeção que, hoje, os Açores têm no mundo global às suas comunidades na diáspora.

Baleeiros açorianos nos Estados Unidos